

Luna Baroni Orlando

Dinâmica entre diálogo e perguntas para o Construcionismo Social

Uberlândia

2019

Luna Baroni Orlando

Dinâmica entre diálogo e perguntas para o Construcionismo Social

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª Maristela de Souza Pereira

Uberlândia

2019

Luna Baroni Orlando

Dinâmica entre diálogo e perguntas para o Construcionismo Social

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia.

Orientador(a): Maristela de Souza Pereira

Banca Examinadora

Uberlândia, 09 de julho de 2019

Profa. Dra. Maristela de Souza Pereira (Orientadora)
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

M.^a Ana Flávia Nascimento Manfrim (Examinadora)
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Marina Arantes (Examinadora)
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

UBERLÂNDIA
2019

Resumo

A observação do modo como as pessoas se engajam em conversas cotidianas, ora paralisando, ora colaborando, impulsionou a elaboração deste trabalho cujo objetivo é: investigar, em artigos publicados na revista Nova Perspectiva Sistêmica direcionada ao construcionismo social, de que maneira pesquisadores e psicólogos têm compreendido a composição do diálogo, destacando os recursos que podem, de forma mais interessante, combinar com conversas colaborativas. Para tal, realizamos um levantamento de todos os artigos que mencionassem, em qualquer categoria, os seguintes termos: construcionismo social, diálogo, diálogos, pergunta, perguntas. De um total de 104 artigos, excluímos 27 por repetição e 62 que não dialogavam com o objetivo deste trabalho, resultando em 15 artigos. No percurso de análise identificamos quatro guias conceituais que podem ser recursos práticos possíveis para compor conversas colaborativas, são posicionamentos que orientam maneiras de estar nessas conversas, a saber: Especialista do conteúdo e especialista do processo, Postura do não saber/ouvido generoso, Perguntas Reflexivas e Concepção de problema. Pretendemos, com esse agrupamento, ampliar e aprofundar conhecimento sobre o que compõe um contexto de diálogo, e o que pode ser útil neste campo.

Palavras-chave: construcionismo social, diálogo, perguntas reflexivas, não saber.

Abstract

The observation of the way people engage in everyday conversations, sometimes paralyzing, sometimes collaborating, led to the elaboration of this work whose objective is: to investigate, in articles published in the journal *Nova Perspectiva Sistemica*, directed to social constructionism, in what way researchers and psychologists have understood the composition of the dialogue, highlighting the features that can most interestingly combine with collaborative conversations. To do this, we carry out a survey of all articles that mention, in any category, the following terms: social constructionism, dialogue, dialogues, question, questions. Of a total of 104 articles, we excluded 27 per repetition and 62 that did not dialogue with the objective of this work, resulting in 15 articles. In the course of analysis we have identified four conceptual guides that can be practical resources possible to compose collaborative conversations, are positions that guide ways of being in these conversations, namely: Content Specialist and Process Specialist, Posture of Not Knowing / Generous Ear, Reflective Questions and Conception of problem. We intend, with this grouping, to broaden and deepen knowledge about what constitutes a dialogue context, and what can be useful in this field.

Keywords: social constructionism, dialogue, reflective questions, not knowing.

Sumário

Introdução.....	4
Conhecendo o movimento construcionista social.....	6
Percurso de busca.....	11
<i>Quadro 1. Artigos selecionados</i>	12
Percurso de análise.....	14
<i>Especialista do conteúdo e especialista do processo</i>	15
<i>Postura do não saber/ouvido generoso</i>	17
<i>Concepção de problema</i>	19
<i>Perguntas Reflexivas</i>	21
Considerações finais.....	25
Referências.....	29

Introdução

Antes de qualquer linha escrita é preciso informar ao leitor que este trabalho foi esboçado e planejado em um momento específico (e histórico) vivido por todos nós brasileiros: a campanha eleitoral para presidência do Brasil, ano de 2018. Esse período foi marcado por uma acirrada polarização dos posicionamentos políticos identificados ora com a direita, ora com a esquerda, ou ainda, ora anti-esquerda e ora anti-direita, alimentando um constate estado de militância.

Empreendeu-se um movimento excitado e cotidiano de “falar” sobre política. Cada cidadão, apoiando-se em um arsenal de notícias verdadeiras ou falsas, defendia seu candidato (ou acusava seu adversário) em facebook, whatsapp, instagram, fila de banco, sala de aula, academia, de modo acirrado e ofensivo. As pessoas se engajavam com muita disposição em conversas, cujo objetivo, aparentemente, era convencer seus interlocutores da sua “verdade”. Esses movimentos me conduziram a percepção de que a conversa franca e desarmada ficou desnutrida e os argumentos lúcidos perderam lugar para os rótulos e acusações afrontosas.

Observar atentamente o modo como as pessoas, em sua maioria, de forma inflada, envolviam-se nessas conversas provocou-me estranhamento. Observei uma carência de posicionamentos reflexivos, fazendo contraste com uma explosão de posicionamentos que acentuavam tensões e afrouxavam a curiosidade frente a construção da argumentação do outro, complicando e dificultando o entendimento compartilhado. Essa situação retratou um descompasso entre o modo como escutamos e o modo como traduzimos nossa compreensão, além de explicitar o enfraquecimento da prática da escuta curiosa e da fala respeitosa. Pude notar que o diálogo só se estabelecia na presença de pensamentos afins ou expressão de algum tipo de semelhança ou afinidade, como se a escuta atenta estivesse em processo de extinção. Tal compreensão remete aos escritos de Anderson e Goolishian (1998), em que destacam um

comportamento comum, “as pessoas falam umas “com” as outras e não umas “para” as outras” (p. 39).

Ao pensar sobre contextos de troca dialógica, compreendo que nós não sabemos ao certo se estamos compartilhando o mesmo entendimento que o outro, entretanto, naturalmente prosseguimos com a conversa sem nos atentar a isso. Alimentamos o costume de nos comunicar automaticamente de maneira persuasiva sem levar em conta a importância de respeitar as percepções do outro e reconhecer que nosso posicionamento configura o posicionamento desse outro e vice-versa. Por que será que temos nos relacionado de forma tão desencontrada e descuidada, nos colocando cada vez mais distantes das facilitações do diálogo e permitindo o surgimento de conflitos com poder paralisante? Entendo que o fluxo intenso do cotidiano de alguma maneira permite o desengajamento das pessoas para com suas relações sociais no dia a dia e dessa forma projetos individuais têm sido sobrepostos a ações coletivas.

Algumas inquietações emergem ao observar a forma como temos estabelecido a comunicação. Será que as pessoas ao construir seus diálogos têm considerado a imensidão de possibilidades que esse pode oferecer? A comunicação construída de maneira atenta pode favorecer a construção de novas possibilidades de compreensão de mundo? Anderson (2016) sugere que “diálogo é um processo dinâmico e gerador, e a transformação é sua marca inerente” (p. 50). Para além de estabelecer um posicionamento, são múltiplas e voláteis as versões que influenciam a maneira como pensamos e enxergamos as coisas, o processo dialógico diz sobre estar aberto a imergir na perspectiva do outro e colocar-se disposto a compreendê-la (Anderson, 2016).

Pensar diálogo me conduz a pensar pergunta, são dois grandes aliados. A pergunta tem vontade de procurar outras respostas que não aquelas que se afirmam ser corretas e dessa forma promove a introdução de elementos outros, pensar sua importância é algo que raramente é feito

enquanto se vive sua elaboração (Souza, Benatti & Crepaldi, 2015). De que maneira uma pergunta pode me auxiliar a construir novos caminhos enquanto converso com o outro? Ao fazer uma pergunta a alguém, me distancio ou me aproximo desse outro? Ela permite entrar em contato com diferenças, possibilidades, caminhos não pensados, pensamentos não ditos. A pergunta, segundo Andersen (2002) “busca diferenças que fazem diferença” (p. 40).

Deste modo, interessou-me estudar como essas conversas são constituídas, colocando-me curiosa em pesquisar sobre a dinâmica entre “diálogo” e “perguntas”, amparada pelas contribuições do construcionismo social, movimento que se interessa e debruça sobre o modo como nos posicionamos enquanto conversamos e que em seu discurso, valoriza uma “postura crítica e reflexiva, que nos convida a repensar constantemente estas tradições e maneiras de descrição do mundo” (Manfrim & Rasera, 2016, p. 35).

Conhecendo o movimento construcionista social

O movimento construcionista social consiste em um agrupamento de contribuições teóricas que não possui uma definição singular. Manfrim e Rasera (2016), compreendem que é um movimento que nos convida a considerar estarmos inseridos em “redes relacionais” (p. 35), o foco é deslocado do indivíduo e a proposta é de abertura de espaços para novas compreensões por via da reflexão crítica. Suas proposições consideram as singularidades históricas e culturais das diferentes maneiras de entender e descrever o mundo, a importância dos relacionamentos humanos tanto na construção quanto na manutenção do conhecimento, como também o reconhecimento da importância de uma postura crítica e reflexiva (Rasera & Japur, 2005).

Essas interpretações me aproximam dos estudos de Kenneth Gergen, psicólogo americano conhecido por ser precursor do movimento construcionista e que se destaca entre aqueles que consideram que todas as realidades são construídas a partir de processos relacionais

(Gergen, 2009), desafiando dessa maneira a tradição individualista. Martins e Arantes (2018) reforçam essa compreensão ao pronunciar que “quando descrevemos o mundo, atuamos ativamente sobre ele, criando possibilidades e limites a respeito de como podemos lidar com as coisas. Essas descrições não são produtos de mentes individuais, mas, sim, construídas em ação coordenada” (p. 8). O construcionismo compreende que é necessário dar fim a separação entre interno e externo, despertar uma visão sistêmica e dinâmica para compreender a realidade dos indivíduos.

De acordo com os escritos de Gergen (1985), os estudos construcionistas depositam seu foco nos processos cotidianos, ou seja, a maneira como as pessoas falam, percebem e experienciam o mundo em que vivem. A postura básica desse movimento é assumir um posicionamento crítico em relação à naturalização dos fenômenos sociais e à noção de verdades universais (Guimarães, Lima & César, 2012). Guanes, Japur e Rasera (2004) entendem que por meio “de um exercício reflexivo busca-se situar as propostas a partir de seu vocabulário e preocupações específicas, preservando a riqueza de cada descrição e explicitando a heterogeneidade do construcionismo social” (p. 158).

O movimento construcionista se propõe a “explicar os processos pelos quais as pessoas descrevem, explicam ou dão conta do mundo (incluindo elas mesmas) no qual elas vivem” (Gergen, 1985, p. 266). Isso permite pensar o diálogo como um recurso potente, uma maneira de conversar consigo e com o outro que possibilita o compartilhamento de pensamentos e visões de mundo e a construção de debates, facilitando a troca de significados e compreensões, (Anderson, 2016). Visões de mundo distintas colaboram para a “inovação colaborativa” (p. 13), que motiva a criação de novos futuros e dá abertura para construções coletivas por meio de diferenças e experiências que podem se complementar (Gergen, 2009).

Gergen (2009) discorre sobre comunicação colocando-a como algo que é intrinsecamente colaborativo. Não deslegitima outras análises sobre o modo como as pessoas se relacionam, mas faz críticas a ideia de que o self dos sujeitos funciona unicamente a partir de uma essência individual. Pois, caso ocorresse de tal maneira, aqueles com os quais nos relacionamos poderiam ser vistos como “inimigos em potencial” (Gergen, 2009, p. 21). Coexistindo por meio dessa postura, as declarações ficariam perdidas sem encontrar sentido pois, estabelecer comunicação “requer que o outro nos conceda o privilégio de um significado” (Gergen, 2010, p. 42). Ou seja, as declarações não possuem sentido em si mesmas, elas só criam significado a partir do momento em que o outro suplementa aquilo que compartilho, pois nada possui sentido quando sozinho. Martins e Arantes (2018) enfatizam essa postura ao sugerir que nossas histórias não possuem sentido em si mesmas, elas sustentam seu significado e importância por meio dos relacionamentos.

O processo de abertura a novos sentidos e possibilidades outras, nem sempre se dá via pensamentos lógicos ou de uma maneira planejada (Andersen, 2002), e sim, muitas vezes alimentando-se daquilo que sentimos de maneira intuitiva. Para além de estabelecer um posicionamento, as versões que influenciam a maneira como pensamos e enxergamos as coisas são múltiplas e voláteis. Andersen (2002) entende que conseguir se comunicar de maneira que a troca possa ser fluida exige “compreender a compreensão” (p. 37) da pessoa com a qual estamos nos comunicando pois, existem inúmeras maneiras de olhar e compreender, entretanto, é importante lembrar que “sempre existe mais a se ver daquilo que é visto por alguém” (p. 39).

Pronunciar sobre uma realidade sempre será uma ação interdependente do contexto da comunidade para a qual tal realidade faz sentido, de acordo com as regras e práticas dessa comunidade, Rezende (2011) sugere que “a forma de conhecermos o mundo está relacionada ao modo como se discursa sobre a realidade em determinado contexto histórico-cultural” (p. 72). Pode não ser interessante afirmar que existam verdades absolutas, os resultados sempre

vão se dar de acordo com determinada comunidade (Gergen, 2009). Quando realidades se denominam verdadeiras e ideais para todos, surge a possibilidade de outras comunidades detentoras de diferentes realidades serem ignoradas e de acordo com Gergen (2009) “não há motivos para silenciar nenhuma tradição. O convite é para se expandir o que está disponível para a humanidade” (p. 17). Não estabelecer determinadas realidades como ideais para todos é uma maneira de facilitar a curiosidade genuína nas pessoas e as colocar ao encontro de realidades alternativas (Gergen, 2009), esse recurso também possibilita o desapego das restrições de compreensão em relação a formas de vida.

Assim, a ideia de verdade em um escopo universal perde seu poder e permite o reconhecimento de todas as tradições, seus valores e possibilidades de desenvolver novas combinações, proporcionando terreno para o “plantio” das mudanças que intencionamos. O diálogo, na perspectiva construcionista, coloca em destaque o relacionamento humano e oferece dessa maneira a ideia de que a mente não é necessariamente individual. Aquilo que chamamos de “verdade” será sempre associado aos termos “comunidade” e “tradição”, ou seja, nossa razão, emoção e moralidade se dão de acordo com as regras e práticas construídas socialmente dentro das comunidades nas quais nos encontramos inseridos (Gergen, 2009).

Ainda segundo Gergen (2006), cada discurso sustenta uma variedade de práticas. A partir dessa afirmação pode-se compreender que diferentes descrições nascem das negociações, práticas rituais e socialização das comunidades. Portanto, o conhecimento é tomado como uma prática social. Para pensar conhecimento é necessário levar em conta seu contexto, ou seja, o conhecimento humano só se constitui no coletivo.

O movimento construcionista nos permite explicar o entendimento sobre a linguagem e a reconhecer como condição de nosso pensamento, e não apenas um veículo para exteriorizar ideias. A linguagem emana seu sentido nos encontros humanos a partir da maneira

como funciona em meio aos padrões de relacionamento, “no diálogo, novos significados estão constantemente sujeitos a emergir, devido à natureza transformadora da linguagem” (Brito & Germano, 2013, p. 67). As palavras obtêm significados a partir de seu uso social, a maneira como são desfrutadas nos relacionamentos já existentes. Ou seja, os significados não são considerados conclusivos ou herméticos, eles sempre vão estar em uma posição de fluxo contínuo, “abertos ao próximo movimento de conversação” (Gergen, 2009, p. 33).

Ao pensar no descompasso que tem caracterizado nossas conversas, o que parece ser mais interessante é pensar sobre o modo como se dá o percurso, como as conversas são negociadas e armadas, do que propriamente o resultado final dessa conversa, como definir quem ganhou ou quem perdeu. Uma característica que se destaca quando pensamos sobre as contribuições do construcionismo é que nem sempre vai haver um objetivo final, mesmo que ele exista o que importa é o caminho percorrido até o objetivo, considerando a construção das conversas um processo exploratório com um fim em aberto, que não busca alcançar um fim específico. (Andersen, 2002).

Assim, partindo do incômodo diante do modo como as pessoas no cotidiano, têm participado de conversas que resultam em conflitos, pareceu-me presumível indagar se as contribuições do construcionismo social, no campo clínico/terapêutico, podem abrir campo de compreensão para pensarmos sobre a constituição dos diálogos em territórios outros, não clínicos. Ou seja, as reflexões que os terapeutas/acadêmicos produzem a respeito do modo como se realiza a pergunta e o que a constitui, quando se busca construir um diálogo colaborativo, podem ser úteis em outros campos tais como conversas entre pessoas conhecidas, tomadas de negociação, elaboração de projetos, contextos cotidianos, etc.

Evidente que essa pergunta não caberia para o recorte do presente trabalho, dada sua amplitude e complexidade. Escolhemos então, mediante um recorte possível, realizar um

levantamento sobre as produções acadêmicas que se interessam por diálogos, buscando dar visibilidade ao modo como esses estudiosos têm caracterizado o campo que se constitui no jogo entre perguntas e respostas.

O objetivo deste trabalho é, de maneira mais específica, investigar, em artigos publicados em revista nacional direcionada ao construcionismo social, como pesquisadores/psicólogos têm compreendido a composição do diálogo, destacando os recursos que podem, de forma mais interessante, combinar com conversas colaborativas, interessada em ressaltar quais são as possibilidades de constituir uma pergunta que facilite o caminho em direção a mudança.

Percurso de busca

Para acessar e agrupar os artigos que nos ajudariam a responder ao objetivo fizemos uma busca sistematizada na plataforma digital da revista de investigação científica Nova Perspectiva Sistêmica. Esta revista foi escolhida pela sua proposição em divulgar informações e conhecimentos derivados de estudos teóricos, de caráter qualitativo e relatos de experiência sobre famílias, terapia familiar, terapias narrativas, práticas colaborativas, prática sistêmicas contemporâneas e construcionismo social. Além disso, oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento. A revista Nova Perspectiva Sistêmica existe desde o ano de 1991 publicada pelo Instituto Noos São Paulo, indexada desde 2011 pelo Clase, pelo Latindex, pela BVS-PSI, pelo PePSIC e desde 2012 tem conceito B3 no Qualis, ela pode ser encontrada completa na plataforma online a partir da edição de número 39.

Primeiramente, realizamos um levantamento de todos os artigos que mencionassem, em qualquer categoria, os seguintes termos: construcionismo social, diálogo, diálogos, pergunta, perguntas. Essa ação resultou em um total de 104 artigos, entretanto, 27 deles foram descartados por repetição, resultando em um total de 77 artigos. Para uma primeira análise tínhamos a seguinte consigna de busca: quais desses textos fazem referência ao tema diálogo, ao ato de perguntar? Importante esclarecer que não necessariamente os artigos deveriam ter como objetivo a análise sobre diálogos. Artigos que tangenciaram sobre a importância da pergunta, sobre o modo como elaboramos perguntas, sobre os efeitos das diferentes maneiras de ocupar uma conversa, entre outros, foram selecionados.

Com essa orientação lemos os títulos e os resumos dos 77 textos e excluímos aquelas produções que não dialogavam com o objetivo deste trabalho. Finalmente, escolhemos 15 artigos, que serão apresentados no quadro abaixo.

Ano	Título do Texto	Nome do(s) Autor(es)	Temática
2011	Aprendendo construcionismo social: as conversas internas de uma terapeuta em formação.	Paula Rezende	Perguntas reflexivas.
2011	Processo generativo e práticas dialógicas.	Dora Fried Schnitman	Perguntas reflexivas.
2012	Contribuições de um Trabalho grupal Multifamiliar para as Famílias Participantes.	Denise Gelain, Doris Waldow	Perguntas reflexivas.
2012	“Se não perguntar, ele não vai falar”: reflexões sobre conversas colaborativas	Lilian de Almeida Guimarães, Sandra	Diálogo/ relacionamentos.

	em um atendimento de família com crianças.	Aparecida de Lima, Adriana Bellodi Costa César	
2013	Terapia narrativa e abordagem colaborativa: contribuições do construcionismo social para a clínica pós-moderna.	Rafaella Medeiros de Mattos Brito, Idilva Maria Pires Germano	Concepção de problema.
2015	A construção da postura profissional para o encontro terapêutico.	Bruno Lenzi	Concepção de problema.
2015	Momento reflexão: proposta de intervenção em psicologia educacional.	Carolina Duarte de Souza, Juliana Macchiaverni, Ana Paula Benatti, Maria Aparecida Crepaldi	Perguntas reflexivas.
2016	Algumas considerações sobre o convite ao diálogo.	Harlene Anderson	Diálogo/ relacionamentos.
2016	Diálogos entre o discurso construcionista social e a terapia social.	Ana Flávia Manfrim, Emerson Rasera	Diálogo/ relacionamentos.
2016	Mediação narrativa: uma abordagem diferenciada para a resolução de conflitos.	John Winslade	Perguntas reflexivas.
2017	Caminhando no contexto das práticas colaborativas e narrativas: experiências profissionais transformadoras.	Camila Martins Lion	Postura do não saber.

2017	O especialista relacional na terapia familiar de fundamentação epistemológica construcionista social.	Giovanna Cabral Doricci, Laura Ferreira Crovador, Pedro Pablo Sampaio Martins	Postura do não saber.
2017	O fazer e o estar em terapia dialógica colaborativa.	Bruno Lenzi	Perguntas reflexivas.
2018	Cerimônia de Definição: o percurso entre a primeira e a segunda escuta no processo de formação do terapeuta.	Ana Luisa Coutinho	Concepção de problema.
2018	Cerimonias de encerramento em terapia individual: expandindo os sentidos da mudança.	Pedro Pablo Sampaio Martins, Marina Arantes	Diálogo/ relacionamentos.

Quadro 1. Artigos selecionados

Percurso de Análise

A análise que será apresentada a seguir foi elaborada a partir da leitura atenta e dedicada desses 15 artigos, buscando apresentar um conjunto de recursos que envolvem o diálogo.

O exercício da leitura dos artigos identificou que quando os pesquisadores/psicólogos se engajavam na discussão sobre diálogo direta ou indiretamente abordavam como suporte de argumentação pressupostos gerais do construcionismo. Neste trabalho identificamos quatro guias conceituais que podem ser recursos práticos possíveis para compor conversas colaborativas, são posicionamentos que orientam maneiras de estar nessas conversas, a saber:

Especialista do conteúdo e especialista do processo, Postura do não saber/ouvido generoso, Perguntas Reflexivas e Concepção de problema. Pretendemos, com esse agrupamento, ampliar e aprofundar conhecimento sobre o que compõe um contexto de diálogo, e o que pode ser útil neste campo.

Especialista do conteúdo e especialista do processo

Comumente as pessoas entendem que no contexto clínico o psicólogo é dono do saber e das respostas para seus problemas, entretanto, quem possui tais respostas é o próprio cliente. Juntos, mediador e mediado vão compartilhar novos sentidos frente a questões problemáticas apresentadas no decorrer do processo dialógico a partir de negociações. Nessa relação, um recurso importante a ser proposto é a colaboração, “tudo o que se pode fazer é convidar a outra pessoa a se engajar conosco – não podemos persuadir, mandar ou orquestrar um diálogo” (Anderson, 2016, p. 51).

Ao pensar o construcionismo social na prática, em específico no território clínico, denominamos os componentes do diálogo colaborativo (terapeuta e cliente) como especialista do processo e especialista do conteúdo respectivamente. Compreender o terapeuta como arquiteto do diálogo e o cliente como especialista do conteúdo é reconhecer que os dois vão estar inseridos na conversa em um processo de colaboração.

Cada componente do processo possui um saber, o profissional realiza a elaboração do contexto mais apropriado para engatar o diálogo, enquanto o cliente oferece seu saber e perspectiva para pensar juntos possibilidades de mudança (Lenzi, 2017). É pertinente considerar o profissional um mediador por intervir na comunicação entre o conflito apresentado pelo mediado e a intenção de pensar acordos. Ainda de acordo com Lenzi (2017), considerar essa ação de determinar um especialista do processo e um especialista do conteúdo se destaca

por quebrar paradigmas em torno da maneira como se constitui a relação entre terapeuta e cliente.

A pessoa responsável pelo processo é o terapeuta, condutor da conversa, especialista em favorecer o processo de conversação. Lion (2017) compreende que “ele não nega sua *expertise*, contudo seu enfoque está no “saber como” favorecer um diálogo transformador que amplie as possibilidades de vida” (p. 23). Sustentar essa postura, por parte do profissional, inclui a facilitação de um ambiente confortável para que o cliente possa narrar temas e a combinação de todas as linguagens corporais possíveis para realizar a comunicação, “essa posição se apoia na impossibilidade de o terapeuta dirigir ou decidir sobre os resultados do atendimento, ancorado em uma postura que leve em conta a aceitação incondicional e uma escuta curiosa daquilo que ouve” (Guimarães, Lima & César, 2012, p. 41).

o saber do profissional não é apresentado como sendo a verdade ou até mesmo como sendo o melhor caminho a seguir, ele apenas oferece seus pensamentos, ideias, comentários como sendo uma forma de ampliar a conversação, porém pode ser descartado ou até mesmo questionado pelo cliente caso não faça sentido pra ele (Lion, 2017, p. 23).

Essa postura vai de encontro ao entendimento do psicólogo como especialista do conteúdo, ela representa a ideia de que a compreensão será sempre um efeito da interpretação (Brito & Germano, 2013).

Quem oferece a “matéria prima” que será protagonista do diálogo colaborativo é o chamado especialista do conteúdo, o cliente que sabe sobre suas vivências e experiências. Ele ocupa esse lugar “por reconhecer que é ele quem possui o saber a respeito dos conteúdos de sua vida” (Lion, 2017, p. 23). Quando em processo de diálogo, o cliente entra em um movimento de conhecer mais a respeito de sua própria situação, passa a lidar de maneira mais interessada

com as possibilidades para orientar seu caminho no cotidiano (Lenzi, 2017) e desenvolve um senso de autoria sobre as possíveis soluções que vão se apresentando durante o processo.

Apesar de o profissional possuir domínio sobre teorias, esse preocupa-se com o percurso do diálogo e a maneira como ele se dá, ou seja, ele se coloca em uma posição de co-construtor e aposta suas fichas no diálogo como uma prática social transformadora (Brito & Germano, 2013). Atentar-se a suas indagações e interesse genuíno a respeito da história compartilhada são recursos que podem ser utilizados pelo terapeuta para promover transformação e mudança, especialistas do processo são “organizadores da conversa terapêutica com intuito de expandir o processo de construção de sentidos em direções úteis para os objetivos situados da terapia” (Doricci, Crovador & Martins, 2017, p. 41).

Postura do não saber/ouvido generoso

Estamos o tempo todo construindo sentidos, ninguém é capaz de construir versões sozinho, nenhuma descrição está pronta, mas sim em processo. Nós produzimos e reproduzimos versões do mundo por meio de negociações (diálogo) (Doricci, Crovador & Martins, 2017). A postura do não saber e a escuta generosa são habilidades potentes e que podem ser importantes aliadas do terapeuta na prática clínica. Rezende (2011) refere que o não saber orienta o profissional a “não buscar respostas, oferecer perguntas, escuta qualificada, escuta ativa, atenta, curiosa e generosa foram qualidades atribuídas à escuta durante a sessão.” (p. 78), e que ter um ouvido generoso é “buscar estar com a pessoa, falar e conversar com ela sobre aquilo que ela tem para contar de tal forma que novos sentidos possam ser compartilhados.” (p. 78).

A postura do não saber, como explana Lion (2017), não é sobre não saber nada, é sobre saber a partir do que a pessoa me conta que é importante para ela e desapegar da importância do “onde” quero chegar. Rezende (2011) entende que para sustentar essa postura, o profissional “precisa focar nas potencialidades de um discurso, nos recursos presentes em uma fala, e estar

atento ao campo da possibilidade” (p. 78). Durante um diálogo é interessante que o profissional esteja aberto e apresente-se disponível a construção de novos sentidos e a manter de modo ativo a ideia de que existem outras alternativas e possibilidades a ser investigadas, a terapia é um lugar para construir entendimentos e pensar outras noções.

As pessoas chegam à terapia por estarem reféns de narrativas rígidas, as histórias oferecidas pelo cliente necessitam de uma sustentação social possível para ter coerência (Onde? Com quem? De que maneira?). Nesse entendimento, o papel do psicólogo é ampliar tais verdades e investigar em parceria com seu cliente o que as histórias compartilhadas pela pessoa contam a respeito dela mesma e o que deixam de contar, “o não saber permite possibilidades que o saber não permite” (Rezende, 2011, p. 9), são essas histórias que sustentam a lógica do problema trazido.

As indagações oferecidas ao mediado estão à espera de novas informações sobre a história trazida e é nesse momento em que o ouvido generoso, como caracteriza Rezende (2011), deve estar ativo e atento para captar o que é trazido com cuidado e atenção para não se afetar por pré concepções. Ao usufruirmos desses recursos estamos nos dedicando radicalmente ao que o cliente traz, a partir da postura do não saber expressamos estranhamento frente ao que é trazido e tal estranhamento implica questionamentos, amplia nossos sentidos e dá visibilidade ao processo de construção (Lenzi, 2017).

É interessante que o profissional direcione seu foco para o processo, a maneira como o cliente constrói a sua narrativa, e no estabelecimento de uma caminhada lenta e atenta pela conversa considerando que a intenção não está em realizar checagem de conteúdo. Essa postura atenta-se a “entender o outro a partir da posição dele, não da nossa perspectiva, buscando encontrar as peculiaridades daquela relação conversacional” (Rezende, 2011, p. 81).

Um recurso possível que pode sustentar essa postura filosófica é lidar com o cliente a cada encontro como se estivessem se encontrando pela primeira vez, expressando assim a intenção na colaboração e se ajustando da melhor maneira ao que a pessoa acredita sobre o mundo e sobre ela mesma (Anderson, 2015). O terapeuta nesse contexto não é aquele que possui domínio de todo o saber, mas sim, aquele que caminha pela história da pessoa como um convidado cuidadoso e respeitoso, o interesse está em calibrar e negociar sentidos e acessar quais são esses sentidos trazidos pelo cliente (Brito & Germano 2013).

Concepção de problema

Construir a definição de problema é um ponto muito importante no processo terapêutico, nomeá-lo de uma forma ou de outra gera diferentes implicações (Coutinho, 2018). Ao considerar problema uma narrativa nunca individualizada, sempre coletiva, podemos nos perguntar para que outras coisas deixamos de olhar quando definimos problema como algo e pensar em que medida ele organiza a vida da pessoa, sem teorizar em torno de seus motivos, “este conceito procura garantir práticas relacionalmente responsáveis, nas quais as conversas paralisantes sobre culpa sejam substituídas por conversas que acionem a implicação e a responsabilidade de cada um em todos os seus atos” (Rezende, 2011, p. 74).

É interessante trabalhar na identificação do problema e olhar para ele não como algo isolado na pessoa, que coloca nela a responsabilidade por tal ocorrência, mas como uma manifestação social que se dá por meio de um processo coletivo. Lion (2017) compreende que “o interesse principal não está nos discursos individuais do problema, mas nos padrões de discurso e interações que emergem do coletivo” (p. 28). Esse movimento retira do cliente a ideia de culpa individual e o direciona a mudança nessas tradições coletivas, afinal, fazem parte do problema todas as pessoas que são nomeadas ali (Lenzi, 2015).

Comumente as pessoas tem noções coerentes, porém muito rígidas a respeito do que vem a ser um problema em sua vida e a orientação de um profissional é convidar a uma dissolução desse problema promovendo transformação na narrativa inicialmente apresentada (Lenzi, 2015). É interessante que o profissional não “compre” a definição de problema de forma rápida, afinal, a mudança é intrínseca ao diálogo portanto deve-se buscar entender que os sentidos estão sendo negociados ali, e assim, “as pessoas conseguem ver mais claramente que parte do sofrimento no conflito é resultado de suas próprias narrativas, elas se tornam muito mais motivadas a considerarem formas alternativas de seguir adiante em relação ao problema” (Winslade, 2016, p. 12). Quando um profissional compreende a concepção de problema dessa maneira cabe a ele conhecer esse cliente para além de seu problema, acessando suas potencias e recursos.

é este movimento que afasta o pensamento dos problemas como algo do indivíduo, e que torna possível que a conversa e a sessão terapêutica sejam orientadas para além do problema, não havendo necessidade de diagnósticos ou técnicas específicas que busquem sua solução (Manfrim & Rasesa, 2016, p. 43).

Lenzi (2015) enfatiza que o interesse deve estar direcionado aos diversos contextos da vida do cliente com a intenção de conhecê-lo para além de seu problema e para a ampliar essa relação, o profissional deve estar disponível e atento a receber informações consideradas mais importantes a ser compartilhadas naquele momento pelo cliente, quem oferece a matéria prima. De acordo com Schnitman (2011), isso dá visibilidade e conseqüentemente acesso as suas potencias e recursos, o que possibilita caminhos para transformação da forma de compreender o que ali está sendo chamado de problema, tal postura “permite que a pessoa se “descole” do problema, de maneira que possa enfrentá-lo e abandoná-lo, sem ter que abdicar de si mesma” (Souza, Macchiaverni, Benatti & Crepaldi, 2015, p. 45).

Perguntas Reflexivas

Perguntas dão visibilidade e ampliam vozes. É uma ferramenta que amolece e permeia sobre as histórias compartilhadas e que “tem finalidade de ampliar as narrativas e fomentar o aparecimento de novas possibilidades” (Coutinho, 2018, p. 7). Elas colaboram com a capacidade de nos mover em direção a expansão de recursos, oferecem iluminação pra um território no qual ainda não houve dissolução da narrativa rígida enfatizada e “promovem experimentação, descobrimento, aprendizagem e comunicação efetiva” (Schnitman, 2011, p. 21). Há uma diversidade de perguntas que estimulam a reflexão a respeito daquilo que consideramos problemas, a maneira como essas perguntas são elaboradas pode caracterizá-las como reflexivas.

Essas podem ampliar o conhecimento sobre a situação apresentada e facilitar uma reflexão que favorece ideia de propor novos sentidos aos problemas mencionados e reconhecer possibilidades (Gelain & Waldow, 2012). Perguntas reflexivas são aquelas que surpreendem e abrem portas na lógica de entendimento, elas nos direcionam “a descrições já conhecidas e impotentes das situações, mas que questionem e ampliem o discurso, abrindo possibilidades de reflexão” (Souza, Macchiaverni, Benatti & Crepaldi, 2015, p. 42). Através de determinadas perguntas a pessoa que a recebe é motivada a perceber de novas maneiras sua relação consigo, com os problemas e com outras pessoas, essa criação de alternativas descrições de si e do outro podem enfraquecer relatos sobre o problema (Guimarães, Lima & César, 2012).

Seu caráter plural permite que possua diversos propósitos e habite diferentes situações, não se trata de um interrogatório estruturado, as perguntas propostas são informadas pela conversação com a intenção de se adequar a linguagem daquele que as recebe (Schnitman, 2011). A pergunta interage abrindo espaço para que a pessoa veja novas possibilidades e

evolução no seu próprio ritmo, Rezende (2011) considera que a pergunta que faz “parte da conversa funciona como uma ferramenta na construção de um relacionamento colaborativo e de uma conversação mais dialógica” (p. 81). É movida pela curiosidade em torno da possibilidade de uma conexão entre os eventos, não possui necessidade em conhecer a origem do problema, e “só se torna útil quando seus interlocutores constroem sentidos sobre a mesma” (Rezende, 2011, p. 80). Pensando nisso, como podemos constituir uma pergunta que caminha em direção a mudança?

Assim como diálogo e pergunta constituem nossas trocas do cotidiano, também podem compor de maneira produtiva o espaço do contexto clínico. Durante minha pesquisa me deparei com alguns autores que têm estudado sobre a potência da pergunta nesse território clínico/terapêutico. Brun e Hoette (1997) contam que as perguntas oferecem novas aberturas tanto para os clientes quanto para os terapeutas, e podem modificar as “estruturas de narrativas cristalizadas” (p. 9). Também podem apresentar ao terapeuta novos meios para compreender de que maneira se constitui o processo terapêutico, e facilitam o equilíbrio entre a compreensão do profissional e as influências promovidas pela abordagem teórica com a qual trabalha. Assim, uma das principais intenções da pergunta no processo de conversação em terapia de acordo com Anderson e Goolishian (1998) é impulsionar “a evolução de novas realidades pessoais e uma nova capacidade de ação, que emergem do movimento de novas narrativas” (p. 44).

A pergunta, em terapia, é uma ferramenta usualmente elaborada em busca de respostas específicas para auxiliar o terapeuta a aproximar-se de seu cliente, no geral são realizadas sugerindo sua própria resposta ou indicando um direcionamento. Quando se fala sobre a pergunta inserida no movimento construcionista, Brun e Hoette (1997) dizem respeito a perguntas terapêuticas ou conversacionais, nesse contexto a importância da pergunta se revela na dinâmica de interpretação, pois é considerada “uma intervenção em si mesma, na medida em que mobiliza a reflexão e promove a introdução de novos elementos que interferem na

narrativa inicial” (p. 9), ou seja, as perguntas terapêuticas enriquecem a possibilidade de criação de narrativas teóricas outras e dessa maneira apresenta o sujeito como gerador de sentidos (Anderson & Goolishian, 1998).

Não há como classificar uma pergunta conversacional como boa em si, ela sempre será fruto da interação entre aquele que pergunta e aquele que recebe a pergunta, independentemente de ser boa ou ruim (Brun & Hoette, 1997). É interessante que sua construção tenha como base as trocas realizadas pela dupla, pois como destacam Anderson e Goolishian (1998), “não existe ponto de vista privilegiado para o entendimento” (p. 38). O terapeuta deve estar interessado e disposto a aprender com seu cliente movido pela necessidade de saber mais a respeito daquilo que foi dito e colocar em foco as histórias contadas, essa exploração mútua entre perguntador e perguntado constituirá o “processo colaborativo” (Anderson & Goolishian, 1998, p. 39).

As perguntas reflexivas podem ser vocabulários úteis para pensar possibilidades na troca dialógica, o profissional que possui um amplo repertório de perguntas facilita a construção de uma realidade conversacional focada não nos problemas, mas nos recursos (Doricci, Crovador & Martins, 2017), seu foco está em “encontrar perguntas que favoreçam a ampliação do relato que o cliente traz, que emergem da narrativa conjunta que acontece naquele momento” (Coutinho, 2018, p. 9). É interessante cuidar para buscar perguntas que façam diferença e sejam consideradas facilitadoras de processos reflexivos ao procurar abrir espaço para o novo, que não sejam comuns demais ou incomuns demais, perguntas que incluem descrições familiares do problema para o cliente (Brito & Germano, 2013).

A curiosidade pura e simples não é o que determina as perguntas oferecidas, o profissional se compromete com a visão de mundo do cliente, o que pressupõe a complexidade do problema para essa pessoa (Lenzi, 2015). Pensando ainda com Lenzi (2017), o terapeuta possibilita visibilidade aos diferentes aspectos que compõe o cenário onde a situação trazida

surge como um problema, e destaca a interrelação existente entre contexto e problema, o que considera em diferentes níveis a participação da sociedade.

Essas perguntas devem amplificar a concepção de problema e oportunizar que outras pessoas apareçam na história, desafiar a narrativa dominante em torno do problema a partir de perguntas é uma ação que amplia diálogos e caminha para a dissolução do mesmo (Guimarães, Lima & César, 2012). Isso incentiva descrições menos paralisantes das situações vivenciadas e dá espaço para a identificação de narrativas alternativas, quando a história do problema perde a centralidade, a narrativa deixa de ser organizada pelo problema dando visibilidade as contra histórias ou narrativas alternativas. Conforme Winslade (2016), “construir uma nova narrativa que até então havia sido negligenciada como um dos resultados da dominância da história do conflito” (p. 13).

O oferecimento de perguntas pode se dar de ambas as partes, elas têm a habilidade de despertar resoluções que podem ser suporte para narrativas alternativas, ampliando seus significados ao contrastar com a concepção de concentrar-se na evolução contínua do relato oferecido pelo cliente (Winslade, 2016). A troca de experiências proporcionada pela conversa motivada por perguntas “traz ideias fora do comum que, por sua vez, possibilitam ao cliente a reflexão para a mudança, dando espaço para uma nova forma de sentir, conhecer e agir” (Souza, Macchiaverni, Benatti & Crepaldi, 2015, p. 18).

Essas perguntas não são elaboradas e oferecidas com a intenção de encontrar respostas, por meio desse recurso o terapeuta costura aquilo que é trazido investindo em conversas de abertura, para Rezende (2011) “ a pergunta, gestada neste território de escuta, deixa de ser para o terapeuta compreender melhor o cliente e passa a ser usada como ferramenta que ajuda ambos a construir novas narrativas” (p. 78). Julgamentos e conselhos a respeito do que o cliente traz podem causar um efeito de fechamento na conversa, em contrapartida, “as perguntas feitas a

partir de uma atitude de não saber posicionam o cliente como especialista de sua própria vida e trazem à tona possibilidades até então desconhecidas por ele” (Brito & Germano, 2013, p. 67).

Para Lenzi (2017), as perguntas devem ser feitas separando o problema da pessoa, é interessante conduzir a conversa conectando entre si os assuntos trazidos para conseguir ampliar a narrativa apresentada e promovendo interesse e aproximação ao seu problema. O profissional coloca-se a auxiliar a pessoa a ressignificar sua própria história, posicionar a pessoa como investigador da própria narrativa, Rezende (2011) compreende a “pergunta como parte da conversa funciona como uma ferramenta na construção de um relacionamento colaborativo e de uma conversação mais dialógica” (p. 81).

O conhecimento que o terapeuta possui sobre como conversar e se interessar pela história e experiência do cliente se dá por meio da elaboração de perguntas curiosas que visam a compreensão do relato e o enriquecimento do seu conhecimento sobre a vida do cliente, quem detém o conhecimento sobre sua história e suas interpretações (Lenzi, 2017). Explicar para o cliente como se dá o processo de construção da pergunta oferecida é falar do processo de modo a destacar a importância que a história tem, na esperança de causar determinada tensão que seja suficiente para convidar o cliente a reflexão e a consideração de possibilidades. Encontrar o ponto de tensão ideal colabora com a habilidade do cliente de identificar possibilidades de forma independente (Lenzi, 2017).

Considerações Finais

Ao considerar que o terapeuta é o especialista do processo, temos a compreensão de que a conversa é um processo de colaboração, de compartilhamento de sentidos, ou seja, uma prática social transformadora. Nesse cenário, o terapeuta é um agente extremamente potente e ativo na construção desse novo *design* da conversa. Como recurso para que essa condição de

conversa como processo de colaboração se concretize, os autores analisados convidam a prestar atenção ao que “estamos produzindo juntos enquanto conversamos”. O terapeuta é agente ativo, nesse caso, pois ao se colocar atento para os rumos que a conversa está tomando ele pode incluir enunciados que busquem rotas diferentes da paralisação, da estagnação, do fechamento e afunilamento de entendimentos.

Por meio de negociações nós produzimos e reproduzimos versões do mundo, dentre os posicionamentos que orientam maneiras de estar em conversas colaborativas temos o entendimento de que a postura do não saber se refere a saber a partir do que a pessoa traz em sua narrativa. Nesse contexto, o terapeuta dispensa a importância de “onde” se quer chegar, e direciona sua atenção para o que a história conta sobre a pessoa e o que deixa de contar. Dessa maneira, aquilo que é compartilhado pode ser compreendido pela perspectiva de quem traz, não de quem recebe. O interessante desses recursos está em calibrar e negociar sentidos, posto isso, o terapeuta que possui um ouvido generoso é aquele que está atento, e se mostra disponível de forma que novos sentidos possam ser compartilhados no campo de possibilidades, atento as potências do discurso e recursos presentes na fala do cliente.

A maneira como se nomeia um problema pode gerar diferentes implicações. Considerá-lo uma narrativa nunca individualiza o torna algo que não se isola na pessoa, o que limita a ideia de culpa individual. Nesse caso, pode ser considerado uma manifestação social que se dá por meio de um processo coletivo, compreensão que colabora para pensar em que medida esse problema organiza a vida da pessoa e influencia seu contexto, considerando os padrões de discurso e interações que emergem do coletivo. A mudança é intrínseca ao diálogo, considerando que parte do sofrimento no conflito pode ser resultado da própria narrativa, essa postura permite que a pessoa se “descole” do problema, colabora com dissolução desse e promove a transformação da narrativa inicial.

Nesse cenário, destaca-se a importância das perguntas reflexivas, as quais ampliam narrativas e fomentam o aparecimento de novas possibilidades. O que as caracteriza como reflexivas é a maneira como são elaboradas, são aquelas que questionam e conseqüentemente ampliam o relato, abrindo possibilidades para reflexão. Com a ajuda dessas perguntas oferecidas pelo terapeuta, se fortalece no cliente a iniciativa de propor novos sentidos e de criar descrições alternativas de si e do outro podendo assim reconhecer possibilidades que enfraquecem as implicações do problema. A conversação é o guia de construção dessas perguntas, que devem se adequar a linguagem de quem a recebe considerando sua visão de mundo, o que pressupõe a complexidade do problema para a pessoa.

Perguntas reflexivas posicionam o cliente como investigador da própria história, não há necessidade de conhecer a origem do problema pois, sua intenção não é de encontrar respostas. Deixa de ser para o profissional compreender melhor seu cliente e passa a ser um recurso que ajuda ambos a construir novas narrativas. O terapeuta que oferece perguntas reflexivas consegue, em parceria com o cliente, construir uma realidade que desloca o foco do problema para os recursos. Ao identificar narrativas alternativas são incentivadas descrições menos paralisantes possibilitando que outras pessoas apareçam na história, o que abre espaço para reflexão em direção a mudança.

A responsabilidade do terapeuta é promover um espaço dialógico que colabore para a exploração de sentidos novos, o estabelecimento de uma relação colaborativa se deve ao acolhimento por meio da escuta para que o cliente se sinta à vontade para compartilhar sua experiência. Manfrim e Raserá (2016) consideram que “o fazer terapêutico não está interessado em observações empíricas que comprovem noções trazidas a priori, mas em construir um ambiente em que as pessoas possam conversar e performar sobre aquilo que coletivamente decidem” (p. 43). O terapeuta pode mover-se em meio as narrativas e a pergunta reflexiva pode

ser um recurso fértil para possibilitar caminhos ao encontro de novas capacidades e possibilidades de ser.

Pensando em contextos não-clínicos, podemos indagar: é possível, durante uma conversa aleatória, manter-se atento ao caminho que está sendo delineado pelos interlocutores? E mais, é possível fazer uma interferência, uma incisão, de modo que convide o outro a novos percursos? Essas incisões, inspiradas no posicionamento dos terapeutas, poderiam ser constituídas por: facilitar um ambiente confortável para que o interlocutor se sinta tranquilo para expor suas narrativas e versões, atentar-se a suas indagações e manifestar um interesse genuíno a respeito da história compartilhada.

Pensando nas motivações desse trabalho e devido à abrangente pesquisa e reflexão sobre diálogos, sugerimos que o cuidado com as narrativas e maneiras de se manter em um diálogo possam se estender para ambientes cotidianos não-clínicos, como as situações citadas no princípio desse estudo. Tudo que foi dito sobre guias práticos que podem compor um contexto de diálogo, apesar de ser recursos do saber clínico construcionista, não precisam se restringir apenas à essa área. Se nos propusermos a ampliar os espaços de escuta, de cuidados com os diálogos nas relações extra muros, contribuimos para que sejam construídas relações baseadas no valor da interação entre as pessoas, na entrega àquele momento e na possibilidade de que o diálogo se torne menos raso e objetivo. Propomos, portanto, uma imersão na entrega, acolhimento e troca sincera em todas as relações, sejam elas quais forem.

Referências

- Almeida Guimarães, L. de, de Lima, S. A. & César, A. B. C. (2012). “Se não perguntar, ele não vai falar”: reflexões sobre conversas colaborativas em um atendimento de família com crianças. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 21(43), 38-53.
- Andersen, T. (2002). Processos reflexivos. *Rio de Janeiro: Instituto Noos*.
- Anderson, H. & Goolishian, H. (1998). O cliente é o especialista: a abordagem terapêutica do não-saber. *A terapia como construção social*, 34-50.
- Anderson, H. (2016). Algumas considerações sobre o convite ao diálogo. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 25(56), 49-54.
- Brun, G. & Hoette, A. M. (1997). Da pergunta ideal à pergunta útil. *Nova Perspectiva Sistêmica, Rio de Janeiro*, 7-13.
- Coutinho, A. L. (2018). Cerimônia de Definição: o percurso entre a primeira e a segunda escuta no processo de formação do terapeuta. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 27(60), 39-54.
- Doricci, G. C., Crovador, L. F. & Martins, P. P. S. (2017). O especialista relacional na terapia familiar de fundamentação epistemológica construcionista social. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 26(59), 37-51.
- Gelain, D., & Waldow, D. (2012). Contribuições de um trabalho grupal multifamiliar para as famílias participantes. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 21(42), 92-106.
- Gergen, K. J. (2009). Construção social e comunicação terapêutica. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 33, 9-36.
- Gergen, K. J. (2009). O movimento do construcionismo social na psicologia moderna. *Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis*, 6(1), 299-325.
- Gergen, K. J. (1985). The social constructionist movement in modern psychology. *American psychologist*, 40(3), 266.

- Gergen, K. J. & Gergen, M. (2010). *Construcionismo social: um convite ao diálogo*. Editora do Instituto NOOS.
- Lenzi, B. (2016). A construção da postura profissional para o encontro terapêutico. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 24(53), 7-23.
- Lenzi, B. (2017). O fazer e o estar em terapia dialógica colaborativa. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 26(57), 37-52.
- Lion, C. M. (2017). Caminhando no contexto das práticas colaborativas e narrativas: experiências profissionais transformadas. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 26(57), 21-36.
- Manfrim, A. F. & Rasera, E. (2016). Diálogos entre o discurso construcionista social e a terapia social. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 25(56), 34-48.
- Martins, P. P. S. & Arantes, M. (2019). Cerimônias de encerramento em terapia individual: expandindo os sentidos da mudança. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 27(62), 6-23.
- Mattos Brito, R. M. de & Germano, I. M. P. (2016). Terapia narrativa e abordagem colaborativa: contribuições do construcionismo social para a clínica pós-moderna. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 22(47), 57-73.
- Rasera, E. F., Guanaes, C. & Japur, M. (2004). Psicologia, ciência e construcionismos: dando sentido ao self. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(2), 157-165.
- Rasera, E. F. & Japur, M. (2001). Contribuições do pensamento construcionista para o estudo da prática grupal. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14(1), 201-209.
- Rasera, E. F. & Japur, M. (2005). Os sentidos da construção social: o convite construcionista para a psicologia. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 15(30), 21-29.
- Rezende, P. C. M. (2011). Aprendendo construcionismo social: as conversas internas de uma terapeuta em formação. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 20(39), 70-84.
- Schnitman, D. F. (2011). Processo generativo e práticas dialógicas. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 20(41), 9-34.

Souza, C. D. de, Macchiaverni, J., Benatti, A. P., & Crepaldi, M. A. (2015). Momento reflexão: proposta de intervenção em psicologia educacional. *Nova perspectiva sistêmica*, 24(51), 37-52.

Winslade, J. (2016). Mediação narrativa: uma abordagem diferenciada para a resolução de conflitos. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 25(54), 7-16.